

Violências no cotidiano de adolescentes

- consulta participativa de opinião-

Maio de 2021

Iniciativa



Realização



747

adolescentes e jovens
consultados

As respostas foram coletadas

entre **janeiro** e

fevereiro de

2021

Foram consultados adolescentes e
jovens de **12 a 19 anos** da

região metropolitana
de São Paulo



O **Comitê Paulista pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CPPHA)** é uma iniciativa tripartite e suprapartidária que tem como partícipes a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Governo do Estado de São Paulo, representado pela Secretaria de Justiça e Cidadania e que visa a prevenção à violência fatal de crianças e adolescentes de 10 a 19 anos no Estado de São Paulo.

A partir do lançamento da iniciativa em 05 de setembro de 2019, o CPPHA tem se dedicado a construir parcerias e ações junto à sociedade civil, às instituições de governo e justiça, bem como junto aos movimentos sociais e as universidades para uma agenda de prevenção aos homicídios de meninos e meninas paulistas. Nesta mesma ocasião, foram criados 04 grupos de trabalho, sendo eles: GT1. Dados, pesquisa e métodos; GT2. Políticas Públicas Intersetoriais; GT3. Território em Pauta; GT4. A Justiça e o Adolescentes, como forma de garantir a participação social.



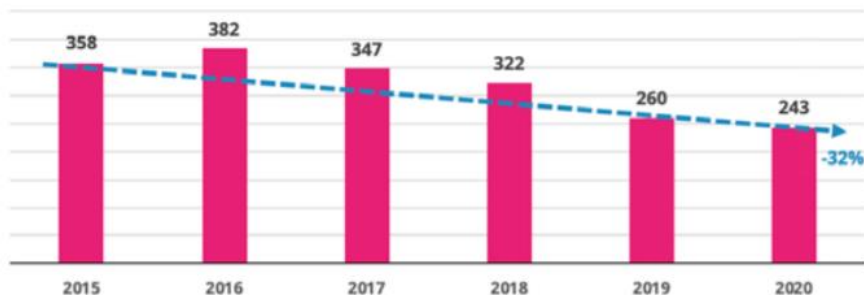
A **Rede Conhecimento Social** é uma organização sem fins lucrativos que concebe, planeja e implementa diferentes abordagens de construção de conhecimento por meio de colaboração, cocriação e compartilhamento de saberes, utilizando estratégias participativas e metodologias desenvolvidas pela multiplicidade de pessoas que compõem a rede.

Fundada em 2016, dá continuidade às ações do Instituto Paulo Montenegro, que coordenou as iniciativas de responsabilidade social do Grupo IBOPE até 2015.

Essa origem permite que a Rede Conhecimento Social traga em seu DNA a expertise de colocar a serviço da sociedade o uso de pesquisas e promover múltiplas formas de produção e disseminação de conhecimento para fins sociais como práticas formativas e métodos para fortalecimento de territórios e causas.

A participação e escuta de adolescentes tem sido considerada fundamental no CPPHA, sobretudo para compreender as diferentes formas de violência que os afetam (física, psicológica, sexual - abuso e exploração - e institucional), inclusive a violência fatal.

Número de crianças e adolescentes, de até 19 anos, vitimados por Homicídios, Latrocínios e Lesão Corporal Seguida de Morte - Estado de SP - 2015 a 2020



Fonte: RDO - Registro Digital de Ocorrências (CAP/SSP);

Entre 2016 e 2020, o Estado de São Paulo reduziu em 32% o número de mortes violentas de crianças e adolescentes, mas ainda assim, nesse período, morreram 3.165 meninos e meninas no estado nesse período, de acordo com dados da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo analisados pelo CPPHA.

Diante desse cenário, o **GT3 – Territórios** do CPPHA ocupou-se ao longo do ano de 2020 em formas de garantir a escuta protegida e efetiva de adolescentes principalmente em situações de vulnerabilidade. Para isso, desenvolveu a consulta **“Violências no Cotidiano de Adolescentes”** utilizando a metodologia PerguntAção.



A PerguntAção é uma metodologia da Rede Conhecimento Social que promove a **construção participativa de todas etapas de uma pesquisa**, por meio de **oficinas práticas**, trazendo o próprio público pesquisado como coautor dessa produção de conhecimento: desde a qualificação sobre o tema, levantamento de hipóteses, desenho do questionário e análise dos resultados.

A proposta dessa estratégia de produção coletiva de conhecimento, é fortalecer a articulação de pessoas, grupos e instituições por meio da escuta e do aprofundamento sobre temas relevantes, para embasar ações que transformem o contexto em que estão inseridos.

Em oficinas *online*, realizadas entre novembro de 2020 e março de 2021, um **grupo de jovens pesquisadores** realizaram todas as etapas de uma pesquisa de opinião. Para viabilizar a participação de jovens com acesso limitado à internet, as **organizações parceiras** cederam espaço e contaram com educadores acompanhando todas as atividades junto aos jovens, garantindo o acolhimento em relação ao delicado tema da iniciativa.

Grupo de jovens pesquisadores

O grupo foi composto por jovens indicados por instituições integrantes do GT3 e suas parceiras: Viração, CDHEP, Cedeca Sapopemba, CIEE-SP, Associação Mutirão e Rede Conhecimento Social.

ZONA NORTE

_Erick, 16 anos. Sonha em ter a própria casa e trabalhar.

CENTRO

_Bárbara, 16 anos. Pensa em fazer muitas coisas. Sonha fazer tudo o que deseja, sem largar nada para trás.

_Tareq, 16 anos. Quer ser programador (desenvolvedor) de nível mundial e pastor.



ZONA LESTE

_João Vitor, 20 anos. Fotógrafo, trabalha em biblioteca pública e faz parte de coletivo cultural no bairro que mora.

_Cristian, 17 anos. Sonha em trabalhar com fotografia, arquitetura e design.

_Kathellen Bianca, 17 anos, estuda administração na escola técnica. Seu grande sonho é viver na praia e ter um bom emprego.

_Karen, 18 anos. Usufruir muito do curso de Ciências Sociais (USP), projetar um futuro em uma faculdade de psicologia. E trabalhar de forma social nas escolas e/ou outros lugares em periferias.

ZONA SUL

_Ana Karoline, 18 anos. Sonha ser psicóloga infantil e conhecer o mundo.

_Geovana, 18 anos. Sonha fazer direito, ser desembargadora e conhecer o mundo.

Reuniões ordinárias e extraordinárias do GT3 – Território em Pauta

Oficinas iniciais de PerguntAção

Elaboração de questionário e atualização de amostra

Coleta de dados

Tratamento técnico do banco de dados e tabulação

Análise de dados e oficinas finais de PerguntAção

Comunicação e *advocacy*

Quando: nov.2020

Quando: nov.2020

Quando: jan. a fev.2021

Quando: fev.2021

Quando: mar. a mai.2021

Quando: mai.2021 em diante

Objetivo: Mobilização do grupo de jovens, para definição de perguntas orientadoras e hipóteses e perguntas para questionário.

Objetivo: A partir dos alinhamentos da oficina anterior, o grupo pôde elaborar perguntas para o questionário e fazer pré-teste para avaliar a aplicabilidade das perguntas.

Objetivo: Divulgação de link do questionário online, em redes e canais de comunicação das instituições do **CPPHA** e dos jovens do grupo (método bola de neve, com amostra por conveniência). Ao todo, **747 adolescentes e jovens consultados**.

Objetivo: Tratamento do banco de dados e construção de tabelas com os resultados da coleta.

Objetivo: Elaboração de relatórios da pesquisa, com contribuição de grupo de jovens e do **CPPHA**

Objetivo: Disseminação de resultados, promoção de discussões e atividades para incidir na ação de tomadores de decisão, públicos e privados, que afetem as juventudes.

Reflexões de qualificação sobre a temática

Ao compartilharem suas experiências, jovens pesquisadores acabaram refletindo sobre como o tema das violências afeta suas vidas e de outros adolescentes em seus territórios.

“Acolhimento? É de nós mesmos...”

- O acolhimento é importante e ao mesmo tempo raro. Jovens pesquisadores destacaram que a principal fonte de apoio é aquele de um jovem para outro. Mas nem sempre há uma boa relação de confiança entre colegas ou até mesmo amigos.
- Identificam como é positiva, quando existe, a troca e respeito com adultos específicos no dia a dia, como algum familiar, professor ou educador de projetos ou instituições que participam. A comunidade também pode ser um local de acolhimento, a depender das pessoas que estiverem por perto.
- O tema da violência é discutido entre adolescentes, já que faz parte do seu cotidiano.
- As experiências são diferentes entre homens e mulheres: elas não se sentem seguras em lugar nenhum praticamente e eles são mais vítimas de abordagens policiais violentas.
- Muitos jovens já acompanharam ou tiveram casos próximos de homicídio, sendo que entre os principais motivos estão brigas , desentendimentos e abordagem policial.

Durante as oficinas de PerguntAção, jovens pesquisadores, educadores e técnicos presentes definiram coletivamente o escopo da consulta de opinião, de acordo com as questões que pareciam mais prioritárias para os próprios jovens.

Tema da consulta



Subáreas temáticas



Violência policial



Proteção à mulher



Fortalecimento emocional



Micro violências cotidianas
(negros, indígenas, mulheres)

Perguntas norteadoras da consulta

A partir do debate e da definição das áreas temáticas, jovens formularam perguntas que orientaram a consulta, definidas em 3:

Quais são as **violências cotidianas** que adolescentes sentem e como elas os afetam? Quais são as especificidades entre pessoas negras ou indígenas, mulheres ou homens?

Quais são as vivências de adolescentes na relação com **agentes de segurança**, especialmente policiais?

Como a questão do **homicídio e suicídio de adolescentes** os afeta e quais ações podem ser feitas para cuidados, acolhimento e prevenção?

As hipóteses do grupo de jovens pesquisadores

Quais são as **violências cotidianas** que adolescentes sentem e como elas os afetam? Quais são as especificidades entre pessoas negras ou indígenas, mulheres ou homens?

“A exclusão é uma das primeiras violências que sofremos enquanto jovem, e se essa violência não recebe nome continua a se perpetuar e isso se dá de maneira diferente se você é homem, mulher, negro ou indígena.”

- ✓ **Exclusão social** é um julgamento das diferenças. Ela se torna algo natural, o que faz com que crianças queiram se encaixar em padrões que não são atingíveis, como ter outra aparência, ser outra pessoa.
- ✓ Essas violências afetam a vida dos jovens em todas as dimensões, inclusive emocionalmente;
- ✓ A Lei 11.645/08, para o ensino da cultura afrobrasileira e indígena, é importante para dar visibilidade a pessoas que são constantemente esquecidas pela história. Essa invisibilidade é uma violência e é responsável por reforçar e construir tabus e estereótipos no Brasil e no exterior.
- ✓ Algumas das violências que adolescentes vivenciam são **violência policial** e **violência doméstica**, que ocorrem de formas diferentes entre homens, mulheres, pessoas de classe ou cor de pele diferentes.
- ✓ Há uma intensidade maior das violências, especialmente policiais, em territórios periféricos e à população negra.

As hipóteses do grupo de jovens pesquisadores

Quais são as vivências de adolescentes na relação com **agentes de segurança**, especialmente policiais?

“De maneira geral não gostamos de policiais.”

“Embora não tenha passado por nenhuma violência diretamente, sei de relatos de conhecidos, que não são positivos.”

- ✓ **Abuso de poder**, **preconceitos** de classe e de cor da pele são frequentes. Pode não aparecer nada positivo na pesquisa e, se aparecer, vai depender dos fatores de classe e cor do respondente.
- ✓ Racismo é uma vivência comum, porque os mais abordados são os negros.
- ✓ É uma relação de **medo**, de insegurança, uma visão de que a policial faz mal.
- ✓ O medo é maior nos homens por serem os mais abordados, por um estereótipo de que homem negro é ladrão e a mulher negra é secretária do lar.
- ✓ Essa violência dos agentes de segurança com jovens acontece muito e agora com as redes sociais a gente vê mais coisa.

As hipóteses do grupo de jovens pesquisadores

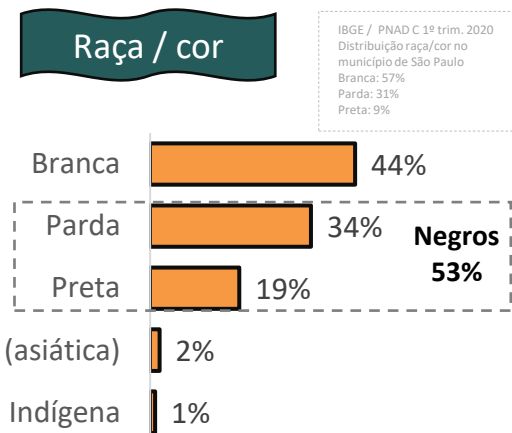
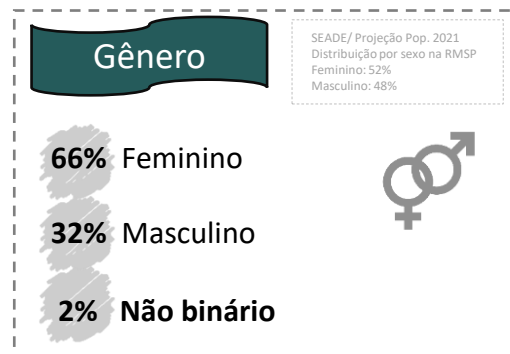
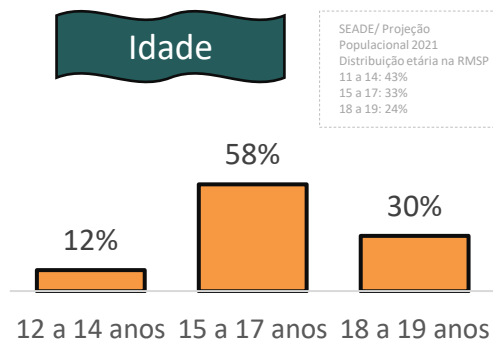
Como a questão do **homicídio e suicídio de adolescentes** os afeta e quais ações podem ser feitas para cuidados, acolhimento e prevenção?

“É como uma consulta de uma pessoa negra com uma médica negra, que elas vão se entender muito mais, isso te fortalece muito mais, o que essa imagem te traz para outras pessoas, uma boa influência.”

- ✓ **Faltam profissionais** nas escolas para abordar o tema do suicídio. São muitos casos de depressão, ansiedade, medo e revolta. E muitas vezes o atendimento é caro e nem sempre acessível (geograficamente).
- ✓ A escola, os psicólogos e a família são pessoas que podem oferecer (e é esperado que ofereçam) acolhida, porém é necessário um preparo dessas pessoas.
- ✓ **É preciso uma pessoa para escutar quem está passando por esse sofrimento, sem julgar.** Esse papo acaba acontecendo **mais natural entre adolescentes** - amigos entendem mais o que a gente passa do que um adulto, que já foi jovem, mas em outro tempo, outra época.
- ✓ Questão de **representatividade** e **empatia** é muito importante para o acolhimento e prevenção de violências. Um adolescente que passa pelas mesmas pressões dá mais segurança de que será ouvido e considerado.

Perfil de adolescentes e jovens consultados

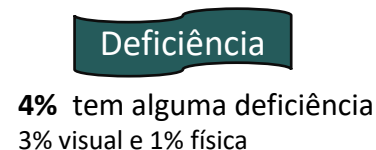
Quem são os adolescentes e jovens consultados



24% se identifica como LGBTQIA+
12% não sabe

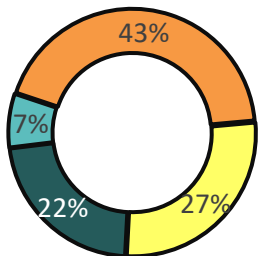


*2/3 têm entre 18 e 19 anos, são negros e têm 1 filho.
1/3 tem entre 15 e 17 anos e a mesma quantidade tem 2 filhos.*



Trabalho

70% não trabalhavam em fevereiro de 2021



IBGE/ PNAD Covid nov. 2020
Taxa de ocupação no Estado de SP
Ocupadas: 54%
Não ocupadas: 46%

- Sim, trabalho formal (com carteira assinada)
- Sim, trabalho informal (sem carteira assinada)
- Não, mas estou procurando
- Não e não estou procurando

Não trabalham nem procuram x Idade
69% 12 a 14 anos
27% 15 e 17 anos
10% 18 a 19 anos

Não trabalham mas estão procurando x Gênero
41% Feminino
49% Masculino

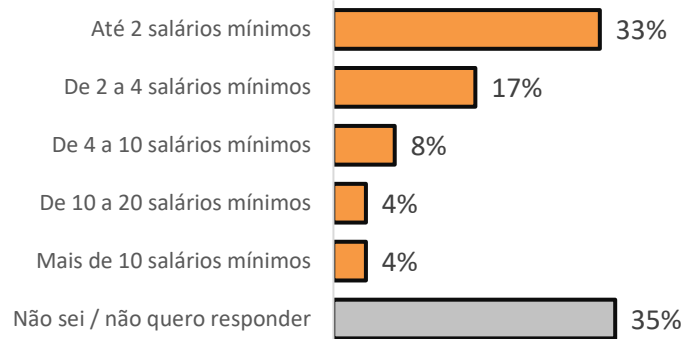
Raça/Cor x trabalho

	Preta	Parda	Branca	Amarela	Indígena
Trabalha	36%	30%	28%	--	38%
Não trabalha	52%	70%	72%	100%	63%

Pretos e Indígenas são os que mais estavam trabalhando no momento. Desses, a maior parte em trabalho formal.

Renda familiar (por salário mínimo*)

IBGE/ PNAD Covid nov. 2020
Renda entre pessoas que frequentam Estado de SP
Até 2 SM: 85%
2 a 4 SM: 10%
4 ou mais SM: 5%

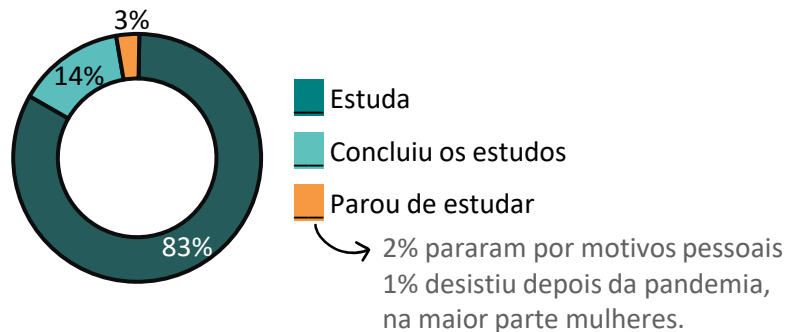


O salário mínimo no estado de São Paulo é de R\$ 1.163,55 em 2020.

Atualmente você está trabalhando? (Base 747); Não e não estou procurando (Base: 201); Não, mas estou procurando (Base: 324)

Você sabe dizer qual é a renda aproximada de todas as pessoas do seu domicílio juntas? [As faixas eram apresentadas com valores aproximados] (BASE: 426)

Estudos

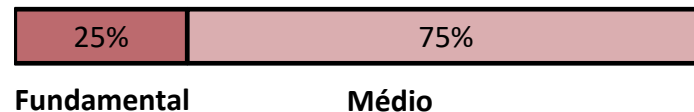


13% trabalham e estudam

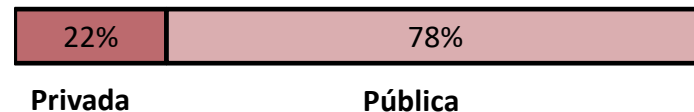
11% não trabalham e não estudam

Mais da metade de quem parou os estudos é negro

Ciclo do último ano concluído



Rede de ensino que estudou a maior parte da vida escolar



65% dos adolescentes e jovens consultados moram nas diferentes regiões da cidade de São Paulo

Zona Norte

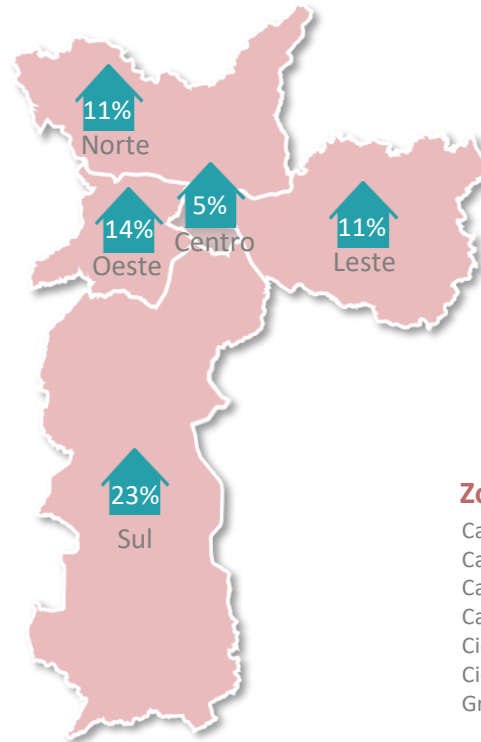
Brasilândia	Limão	Tucuruvi
Cachoeirinha	Mandaqui	Vila Guilherme
Casa Verde	Perus	Vila Maria
Freguesia do Ó	Pirituba	Vila Medeiros
Jaçanã	Santana	
Jaraguá	Tremembé	

Zona Oeste

Alto de Pinheiros	Jaguaré	Pinheiros
Barra Funda	Jardim Paulista	Raposo Tavares
Butantã	Lapa	Rio Pequeno
Itaim Bibi	Morumbi	Vila Leopoldina
Jaguará	Perdizes	

Centro

Bela Vista	República
Bom Retiro	Santa Cecília
Consolação	Sé



Zona Leste

Água Rasa	Itaim Paulista	São Mateus
Aricanduva	Itaquera	São Miguel
Artur Alvim	Jardim Helena	Sapopemba
Brás	José Bonifácio	Tatuapé
Cangaíba	Lajeado	Vila Curuçá
Cidade Líder	Moóca	Vila Formosa
Cidade Tiradentes	Parque do Carmo	Vila Jacuí
Ermelino Matarazzo	Ponte Rasa	Vila Prudente
Guaianases	São Lucas	

Zona Sul

Campo Belo	Ipiranga	Pedreira
Campo Grande	Jabaquara	Sacomã
Campo Limpo	Jardim Ângela	Santo Amaro
Capão Redondo	Jardim São Luís	Saúde
Cidade Ademar	Marsilac	Vila Andrade
Cidade Dutra	Moema	Vila Mariana
Grajaú, Socorro	Parelheiros	

Desejos e medos de adolescentes da Região Metropolitana de São Paulo

Desejos e medos | Trabalho e renda

Trabalhar com o que gostam e ter um bom salário são os desejos de vida mais frequentes entre esses adolescentes. Ao mesmo tempo, têm medo de não serem acolhidos por bons empregos no mercado de trabalho, especialmente estudantes da rede pública e negros.

Desejos

49% sonham em **trabalhar com o que gostam** e acreditam

34% esperam ter emprego e **salário para pagar as contas**

Medos

33% temem **não ter uma profissão**, um emprego ou um trabalho

21% tem medo de **não ter qualificação suficiente para crescer** na vida

6% receiam não ter dinheiro para **pagar as contas**

Desejos e medos em relação a trabalho e renda	Idade			Gênero			LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.	Branca		Parda	Preta	Pub.	Priv.	
Trabalhar com o que gostam e acreditam	40%	50%	50%	48%	51%	50%	53%	44%	44%	45%	61%	
Ter emprego e salário pra pagar as contas	34%	35%	32%	32%	36%	31%	29%	38%	35%	36%	27%	
Não ter profissão, emprego ou trabalho	23%	39%	27%	31%	39%	31%	28%	36%	43%	37%	19%	
Não ter qualificação suficiente para crescer na vida	9%	20%	25%	20%	24%	17%	18%	20%	25%	22%	14%	
Não ter dinheiro para pagar as contas	7%	4%	8%	4%	8%	4%	6%	5%	5%	6%	5%	

A faculdade é um dos dois maiores sonhos de futuro para 3 a cada 10 desses adolescentes, especialmente mulheres, negros e estudantes da rede pública. Apenas 1 a cada 10 tem como principal receio não conseguir realizar seus planos para a educação, medo que cresce entre jovens de escolas privadas, que normalmente têm suas vidas mais focadas ao redor dos estudos.

Desejos

30% sonham em fazer faculdade

Medos

12% temem ter dificuldades para realizar seus planos para a educação

Desejos e medos em relação à educação	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Fazer faculdade	27%	29%	32%	33%	24%	20%	25%	34%	34%	33%	19%
Ter dificuldades de realizar meus planos para minha vida	13%	11%	15%	14%	8%	9%	14%	10%	10%	10%	20%

Desejos e medos | Família e moradia

Ter um local para morar com estabilidade, como a casa própria, é o principal desejo de vida para 2 a cada 10 adolescentes. E a constituição de família também ocupa um lugar importante como um dos principais sonhos de 2 a cada 10 adolescentes, sendo mais forte entre os que se declaram do gênero masculino e entre brancos.

Desejos

“[Desejo] moradia... Moro desde 2016 em Albergues da Prefeitura de SP”
(jovem respondente da consulta)

20% querem ter uma casa própria

18% sonham em constituir uma família

7% esperam ter o apoio da família nas escolhas de vida

Medos

6% temem não ter apoio da família nas escolhas de vida

1% têm medo de violência doméstica

Desejos e medos em relação a família e moradia	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Constituir uma família	13%	19%	17%	13%	28%	10%	21%	15%	15%	17%	21%
Ter apoio da família nas suas escolhas de vida	16%	5%	6%	7%	5%	10%	6%	10%	4%	7%	7%
Ter uma casa própria	17%	19%	23%	22%	16%	20%	17%	22%	25%	21%	16%
Não ter apoio da família nas minhas escolhas de vida	9%	6%	5%	6%	5%	9%	6%	7%	4%	5%	8%
Medo de violência doméstica	-	1%	-	1%	-	3%	1%	2%	-	1%	1%

Desejos e medos | Questões sociais

A cidade ocupa um local de menor destaque entre os principais sonhos e medos desses adolescentes. Ainda assim, merece atenção essa pequena parcela que têm a violência urbana como principal preocupação, que é maior entre aqueles de escolas privadas e os mais novos (12 a 14 anos). Os que se declaram como LGBTQIA+ parecem ser mais engajados em propostas de melhoria do bairro, cidade ou país.

Desejos

8% sonham em ajudar a melhorar o bairro, cidade ou país

Medos

5% têm como principal medo a **violência urbana**

“Minha preocupação é eu sair na rua e ser julgado só por ser negro ou sofrer violência da policia.”

(jovem respondente da consulta)

Desejos e medos em relação a questões sociais	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Ajudar a melhorar o bairro, cidade ou país	6%	8%	8%	9%	6%	13%	10%	4%	11%	6%	14%
Medo da violência urbana	13%	3%	4%	5%	3%	5%	7%	4%	1%	2%	13%

Desejos e medos | Experiências de vida e saúde

O desejo de morar em outra cidade ou país é um dos maiores sonhos de 2 a cada 10 desses adolescentes, especialmente os mais novos e aqueles que se declaram LGBTQIA+. Entre as preocupações, manter a saúde mental é indicada como principal receio para 1 a cada 10 consultados, sendo ainda maior entre mais jovens, mulheres, LGBTQIA+ e estudantes de escolas privadas.

Desejos

23% desejam morar em outra cidade ou país para viver outras experiências

Medos

11% temem não conseguir manter saúde mental
5% têm medo dos efeitos da COVID

“[Medo de] não conseguir fazer minha transição (Sou um menino Trans)”
(jovem respondente da consulta)

Desejos e medos em relação a experiências de vida e saúde	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Morar em outra cidade ou país para viver outras experiências	28%	24%	20%	23%	21%	34%	26%	20%	22%	23%	26%
Não conseguir manter minha saúde mental	16%	10%	11%	13%	3%	16%	13%	9%	8%	9%	17%
Medo dos efeitos da COVID	8%	4%	4%	4%	5%	3%	5%	6%	2%	4%	5%

Desejos e medos por local de moradia



Desejos

Os sonhos desses adolescentes não variam muito de acordo com os diferentes territórios da região metropolitana de São Paulo, mas aqueles que moram no centro têm uma perspectiva um pouco mais voltada para a constituição de família do que fazer faculdade ou ter uma casa própria.

	Região de moradia					
	Centro	Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste	Grande São Paulo
Trabalhar com o que gosto e acredito	50%	43%	48%	42%	50%	52%
Ter um emprego e um salário para pagar as contas	38%	31%	30%	36%	38%	34%
Fazer faculdade	15% ↓	31%	32%	22%	25%	34%
Morar em outra cidade ou país para viver outras experiências	28%	28%	20%	26%	20%	24%
Ter uma casa própria	10% ↓	25%	21%	25%	19%	19%
Constituir uma família	23%	13%	18%	14%	18%	19%
Ajudar a melhorar meu bairro, cidade ou país	13%	10%	11%	13%	11%	2%
Ter apoio da família nas minhas escolhas de vida	8%	10%	6%	9%	8%	5%



Medos

Já as principais preocupações são muito diversificadas, variação esta que pode ser resultado da divulgação do questionário em redes específicas em cada território.

	Região de moradia					
	Centro	Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste	Grande São Paulo
Não ter uma profissão, um emprego ou um trabalho	18%	41%	26%	34%	27%	40%
Não ter qualificação suficiente para crescer na vida	20%	16%	16%	14%	19%	28%
Ter dificuldades de realizar meus planos para minha educação	18%	4% ↓	17%	14%	16%	8% ↓
Não conseguir manter minha saúde mental	20%	14%	13%	9%	12%	7%
Não ter apoio da família nas minhas escolhas de vida	5%	8%	7%	9%	7%	3%
Não ter dinheiro para pagar as contas	5%	5%	5%	6%	5%	6%
Medo da violência urbana	5%	3%	6%	4%	10%	2%
Medo dos efeitos da COVID	5%	5%	6%	6%	3%	4%
Medo de violência doméstica	3%		1%	2%	1%	0%

Desejos

Mesmo diante de tantas preocupações, esses adolescentes não se sentem impotentes diante de seus sonhos.



92% acreditam que alcançarão seus desejos

Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
91%	91%	94%	91%	95%	86% ↓	90%	94%	93%	92%	91%

Efeitos da pandemia sobre as preocupações

Medos

É importante levar em conta que a pandemia tem influenciado fortemente as preocupações desses adolescentes: 1 a cada 10 adquiriram uma nova preocupação e 6 a cada 10 ficaram ainda mais receosos diante de seus medos.

A principal preocupação antes e depois da pandemia



■ É a mesma, mas aumentou

■ É a mesma e ficou igual

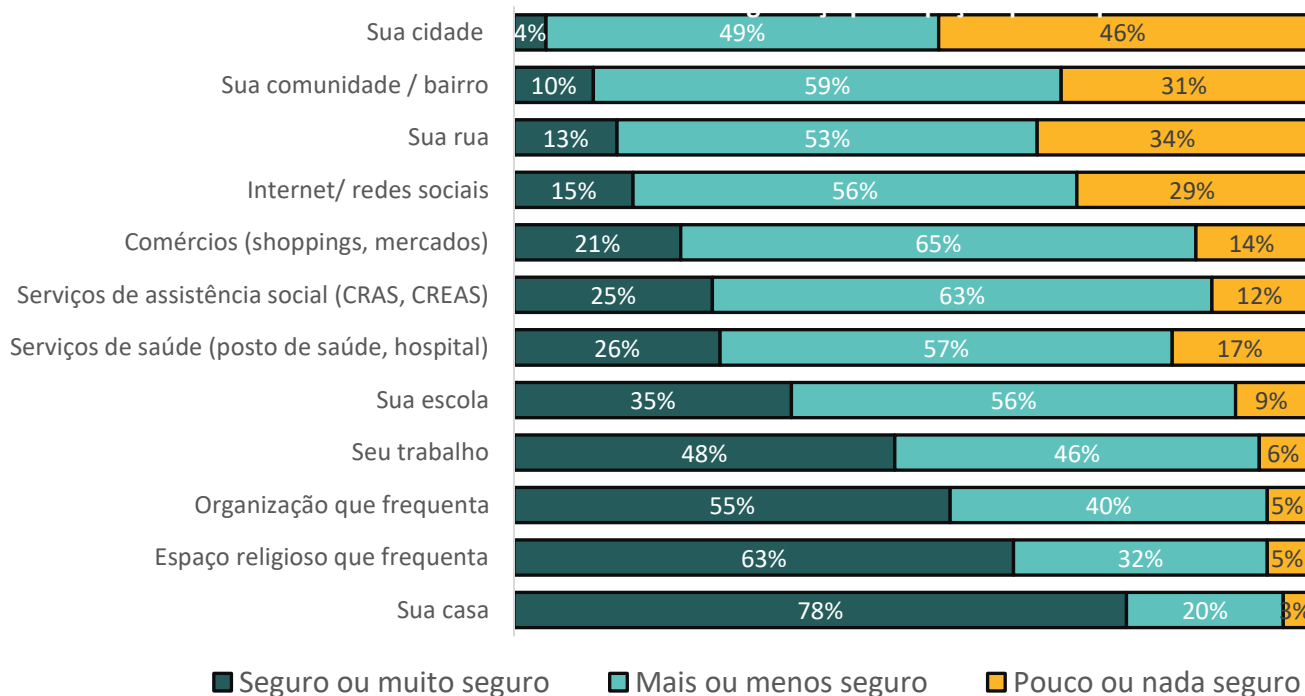
■ É a mesma, mas diminuiu

■ É uma nova preocupação

	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Sim, mas aumentou	55%	61%	65%	64%	55%	69%	58%	61%	66%	62%	60%
Sim, e ficou igual	22%	24%	23%	21%	27%	19%	25%	24%	19%	22%	29%
Sim, mas diminuiu	3%	4%	3%	4%	3%	3%	2%	4%	4%	4%	1%
Não	20%	11%	10%	11%	14%	9%	14%	10%	11%	12%	11%

**Relações de confiança e
sensação de segurança**

Sensação de segurança em espaços que frequentam



A consulta revela que a sensação de segurança desses adolescentes e jovens é maior à medida que os ambientes são menores ou com públicos com certo grau de intimidade, como o próprio lar ou espaços religiosos e organizações sociais.

Os serviços que oferecem atendimento, como escola, postos de saúde ou assistência social são mais ou menos seguros. E os espaços públicos com alta circulação são aqueles que representam maior insegurança.

Sensação de segurança em espaços que frequentam

A casa é o lugar que jovens se sentem mais seguros (8 a cada 10).

Apesar disso, os mais novos (12 a 14 anos), mulheres e LGBTQIA+ tendem a considerá-la entre mais ou menos e nada segura.



Espaços religiosos aparecem como seguros/muito seguros para 6 a cada 10 jovens. Com quase a mesma proporção estão os espaços de **organizações** que frequentam.

6 a cada 10 jovens se sentem mais ou menos seguros na escola ou nos serviços da saúde e assistência.



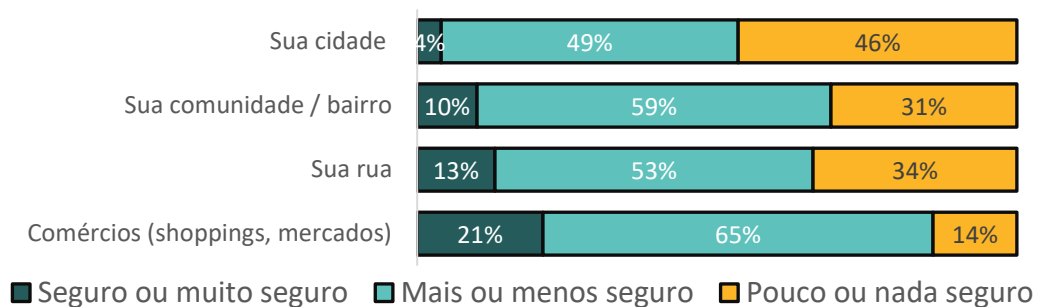
2 a cada 10 se sentem pouco ou nada seguros nos serviços de saúde que frequentam. 7 em cada 10 moradores da Grande São Paulo, jovens pretos e pardos ou que tenham estudado em escola pública não se sentem seguros nas escolas.

3 a cada 10 jovens não se sentem seguros na **internet e as redes sociais**, principalmente os mais velhos (18 a 19 anos), mulheres e pretos.



Espaços públicos como a rua, a comunidade e a cidade são lugares onde os jovens se sentem menos seguros, especialmente as mulheres, não binários, LGBTQIA+ e indígenas.

Sensação de segurança em espaços que frequentam



Confirmando a hipótese do grupo de jovens pesquisadores, as mulheres se sentem menos seguras em espaços públicos.

Quanto mais velhos, mais se sentem inseguros na cidade, tendência ainda maior entre os que se declaram LGBTQIA+, brancos e estudantes da rede privada.

Jovens da rede pública sentem-se mais inseguros em sua comunidade ou rua, e os que se autoidentificam como pretos se sentem menos seguros em comércios.

Perfil de quem se sente pouco ou nada seguro	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Sua cidade	39%	43%	55%	50%	38%	55%	50%	44%	40%	44%	53%
Sua comunidade	30%	28%	38%	34%	24%	37%	30%	35%	27%	35%	18%
Sua rua	37%	30%	42%	39%	23%	39%	36%	33%	32%	36%	28%
Comércio (shoppings, mercados)	11%	14%	15%	16%	11%	13%	11%	14%	20%	15%	10%

Sensação de segurança em espaços que frequentam

Internet/ redes sociais

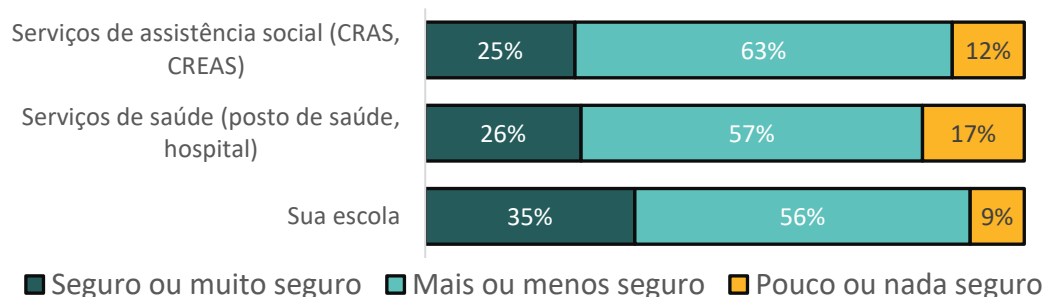


■ Seguro ou muito seguro ■ Mais ou menos seguro ■ Pouco ou nada seguro

A internet, 3º lugar em que esses adolescentes se sentem pouco ou nada seguros, é uma preocupação maior entre aqueles com mais de 18 anos, mulheres e pretos.

Perfil de quem se sente pouco ou nada seguro	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Internet e redes sociais	27%	26%	37%	34%	20%	28%	28%	25%	38%	32%	22%

Sensação de segurança



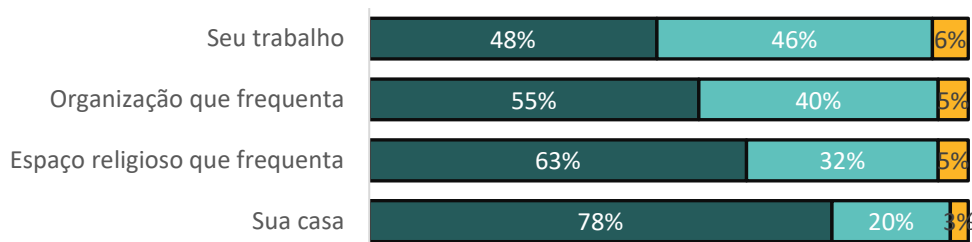
A escola, surpreende pela baixa proporção de adolescentes que declaram se sentir seguros, é mais mencionada como tal por homens e brancos. Quanto mais novos, mais veem os serviços de saúde como seguros. E os serviços de assistência social são mais acolhedores para jovens LGBTQIA+.

Estudantes de escolas privadas tendem a se sentir mais seguros nos serviços em geral.

Perfil de quem se sente seguro ou muito seguro	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Serviços de assistência social	26%	27%	24%	25%	27%	34%	33%	21%	21%	20%	46%
Serviços de saúde	36%	29%	15%	26%	23%	31%	23%	26%	27%	24%	32%
Sua escola	39%	33%	38%	33%	40%	32%	44%	25%	28%	26%	64%

Sensação de segurança em espaços que frequentam

Sensação de segurança em ambientes reduzidos e com relações próximas



■ Seguro ou muito seguro ■ Mais ou menos seguro ■ Pouco ou nada seguro

Adolescentes LGBTQIA+ tendem a se sentir mais seguros do que a média em organizações que frequentam, mas chama atenção o quanto se sentem menos seguros em espaços religiosos e em suas próprias casas.

Nos espaços religiosos os mais novos são aqueles com maior sensação de segurança, bem como negros. Chama atenção que mulheres sentem em menor segurança que homens dentro de casa.

Perfil de quem se sente seguro ou muito seguro	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Seu trabalho	50%	48%	48%	50%	44%	50%	45%	49%	54%	46%	62%
Organização que frequenta	38%	66%	38%	51%	63%	61%	54%	55%	56%	54%	60%
Espaço religioso que frequenta	78%	61%	62%	64%	63%	42%	56%	68%	65%	64%	60%
Sua casa	72%	77%	80%	76%	82%	69%	76%	78%	83%	76%	83%

Sensação de segurança em espaços que frequentam



Quem se sente seguro ou muito seguro

	Região de moradia					
	Centro	Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste	Grande São Paulo
Sua casa	67%	67%	79%	68%	76%	85%
Espaço religioso que frequenta	50% ↓	68%	62%	62%	55%	68%
Organização que frequenta	48%	58%	51%	42%	52%	60%
Seu trabalho	43%	50%	60%	43%	54%	42%
Sua escola	44%	34%	36%	37%	44%	29%
Serviços de saúde (posto de saúde, hospital)	25%	18%	30%	30%	41%	20%
Serviços de assistência social (CRAS, CREAS)	6%	27%	29%	33%	15%	25%
Comércios (shoppings, mercados)	28%	22%	24%	19%	24%	17%
Internet/ redes sociais	22%	20%	12%	16%	9%	16%
Sua rua	8% ↓	10%	17%	8% ↓	16%	12%
Sua comunidade / bairro	11%	6% ↓	9%	7% ↓	13%	13%
Sua cidade	3%	9%	2%	4%	6%	5%

Sensação de segurança em espaços que frequentam



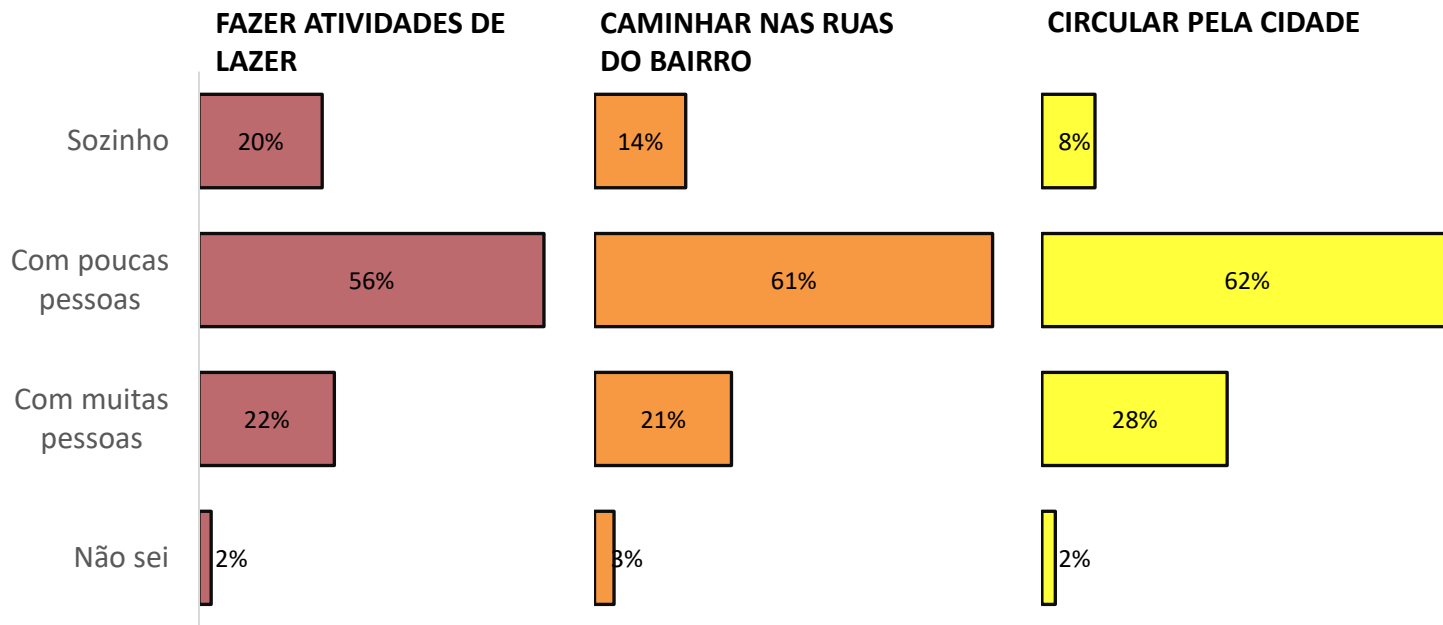
Quem se sente pouco ou nada seguro

	Região de moradia					
	Centro	Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste	Grande São Paulo
Sua casa	6%	6%	3%	7%	2%	1%
Espaço religioso que frequenta	6%	6%	5%			6%
Organização que frequenta	10%	2%	8%	6%	5%	3%
Seu trabalho			5%	9%	12%	7%
Sua escola	3% ↓	13%	11%	15%	6%	6%
Serviços de saúde (posto de saúde, hospital)	19%	16%	15%	16%	11%	21%
Serviços de assistência social (CRAS, CREAS)	12%	11%	11%	17%	7%	13%
Comércios (shoppings, mercados)	19%	13%	11%	18%	8%	17%
Internet/ redes sociais	36%	27%	33%	36%	24%	27%
Sua rua	33%	31%	40%	43%	27% ↓	32%
Sua comunidade / bairro	47%	32%	35%	33%	26% ↓	27% ↓
Sua cidade	47%	46%	53%	59%	43%	39% ↓

61% concordam totalmente que a maior parte dos lugares podem ser inseguros para mulheres

Quantidade ideal de pessoas para realizar atividades

6 a cada 10 adolescentes consultados **preferem realizar atividades** de lazer, caminhar nas ruas do bairro e circular pela cidade **com poucas pessoas**. E quanto mais fora de sua região mais próxima ou conhecida, menos querem fazer as atividades sozinhos.

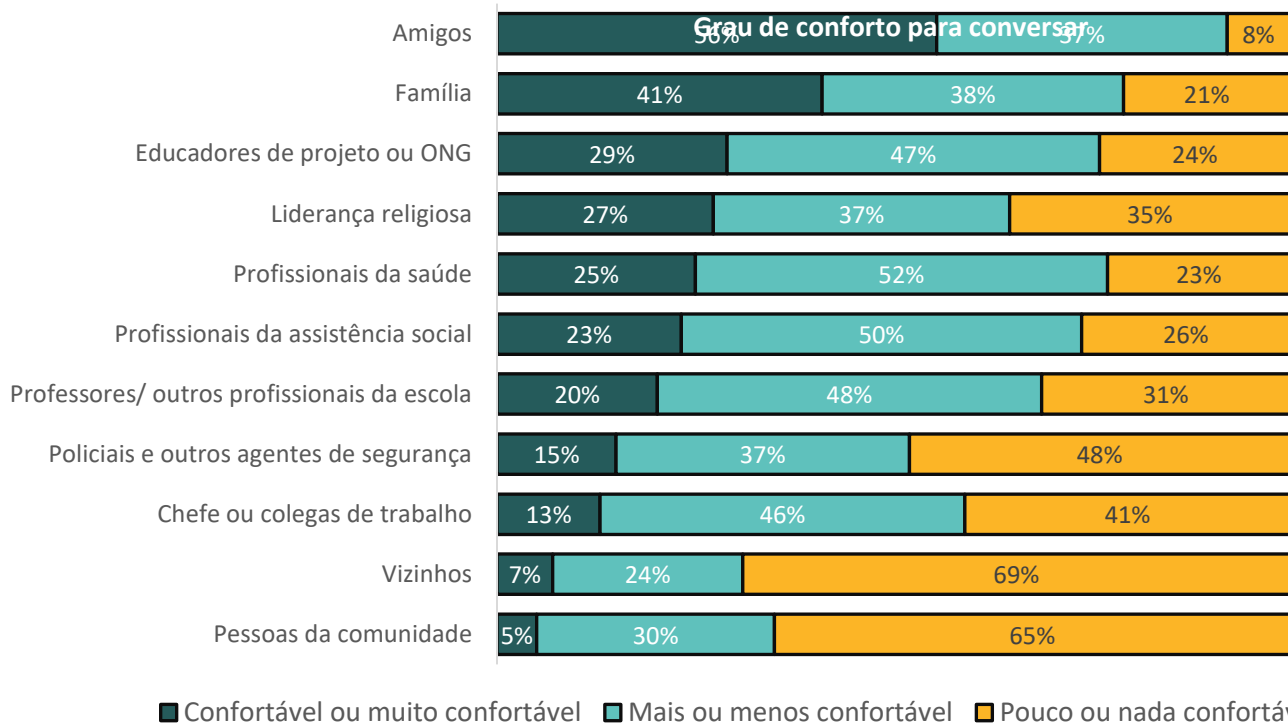


Quantidade ideal de pessoas para realizar atividades

Quanto mais velhos, mais parecem querer estar com poucas pessoas em todas as atividades. As mulheres querem estar menos sozinhas em circulações pelo bairro ou pela cidade e tendem a querer ter mais pessoas por perto do que homens. Adolescentes negros mostram-se mais propensos a querer estar com mais pessoas dentro do seu bairro.

Situações	Companhias	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
		12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Atividades de lazer	Sozinho	23%	22%	15%	20%	20%	28%	20%	18%	23%	22%	14%
	Com poucas pessoas	46%	55%	63%	57%	54%	56%	59%	55%	52%	55%	61%
	Com muitas pessoas	28%	21%	21%	21%	24%	15%	18%	25%	25%	22%	22%
	Não sei	3%	2%	1%	2%	2%	1%	2%	1%		1%	3%
Caminhar nas ruas do bairro	Sozinho	18%	11%	19%	10%	22%	16%	12%	17%	17%	15%	12%
	Com poucas pessoas	52%	63%	61%	62%	60%	57%	66%	60%	54%	62%	60%
	Com muitas pessoas	25%	22%	17%	25%	14%	22%	18%	21%	27%	20%	24%
	Não sei	4%	3%	3%	3%	4%	5%	4%	2%	2%	3%	4%
Circular pela cidade	Sozinho	10%	8%	9%	6%	12%	11%	6%	10%	11%	9%	5%
	Com poucas pessoas	55%	60%	67%	61%	64%	61%	63%	63%	56%	62%	59%
	Com muitas pessoas	35%	30%	22%	31%	22%	28%	28%	27%	30%	27%	33%
	Não sei		2%	3%	2%	2%		3%		2%	2%	3%

Pessoas para pedir ajuda ou se abrir



A consulta mostra que, em geral, adolescentes e jovens tem baixo grau de conforto em se abrir com a maior parte das pessoas que fazem parte de seu circuito pessoal. Quem mais ocupa o espaço de confiança para pedir ajuda ou conversar são os amigos, ainda que com alto grau de dúvida. Adultos em geral são menos vistos nesse papel, mas com maior conforto com aqueles que conhecem em espaços mais reduzidos ou de relações mais próximas, como ONGs e espaços religiosos.

Pessoas para pedir ajuda ou se abrir



Amigos são aqueles em quem 6 a cada 10 confiam para pedir ajuda ou se abrirem.

Essa confiança depositada em amigos é ainda maior entre aqueles que se declaram LGBTQIA+.



Familiares são pessoas de confiança para 4 a cada 10 desses adolescentes, sendo que homens se sentem mais confortáveis nessa relação do que mulheres.



Educadores de projetos ou ONGs e lideranças religiosas são de confiança para 3 a cada 10 jovens.



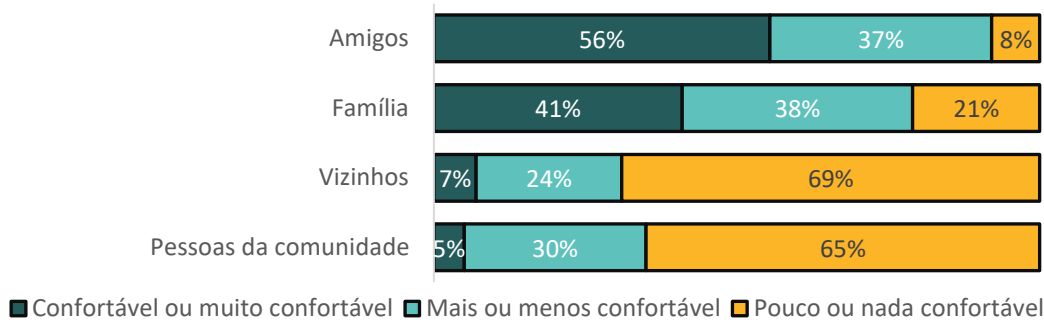
2 a cada 10 sentem que podem se abrir com profissionais da saúde ou com professores.

Policiais estão entre as pessoas em que esses adolescentes menos se sentem confortáveis para pedir ajuda.



Vizinhos, pessoas da comunidade e colegas de trabalho não estão na lista das pessoas em quem jovens mais procuram para se abrir.

Pessoas para pedir ajuda ou se abrir



Amigos são os que mais se sentem confortáveis em pedir ajuda ou se abrir, em todas as idades e gêneros, mas ainda mais entre estudantes de rede privada.

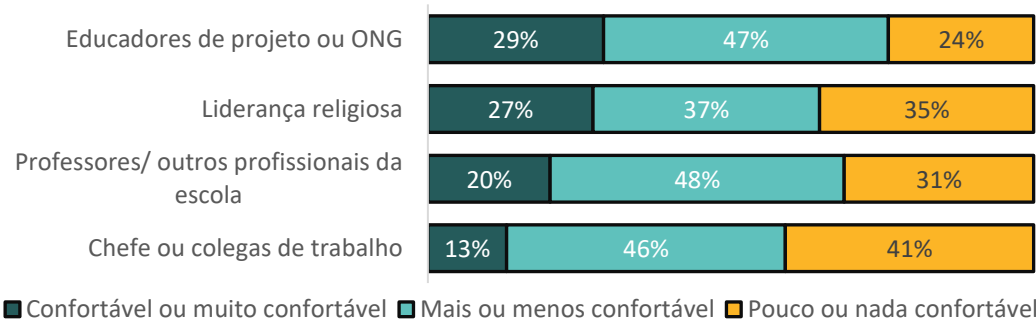
Adolescentes LGBTQIA+ depositam ainda mais confiança na relação com amigos e se abrem muito menos com suas famílias.

Homens tendem a sentir mais conforto com vizinhos e pessoas da comunidade.

Perfil de quem se sente confortável ou muito confortável	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/raça			Rede de Ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pública	Privada
	Amigos	54%	56%	55%	54%	59%	65%	61%	47%	59%	51%
Família	44%	42%	39%	37%	52%	22%	39%	42%	44%	40%	44%
Vizinhos	11%	7%	7%	6%	10%	2%	8%	7%	7%	7%	8%
Pessoas da comunidade	9%	6%	3%	4%	7%	4%	5%	5%	5%	5%	5%

A seguir tem uma lista de pessoas. Para cada uma, diga o quanto você se sente confortável para pedir ajuda ou se abrir (falar sobre emoções, situações complicadas que te afetam) BASE: 654

Pessoas para pedir ajuda ou se abrir

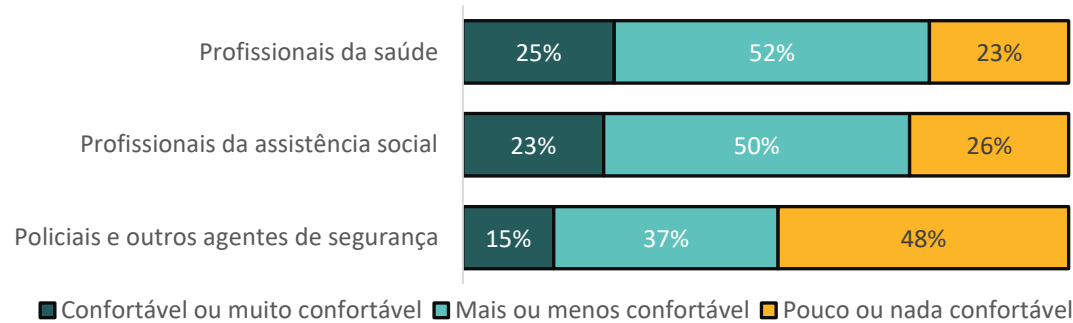


Chama atenção que o dobro de adolescentes LGBTQIA+ se sentem pouco ou nada confortáveis com lideranças religiosas.

Ao mesmo tempo em que jovens brancos também tendem a ver essas lideranças como ambientes para se abrir, principalmente no comparativo com jovens pretos. A matriz religiosa de cada um provavelmente exerce influência nessas relações de confiança.

Perfil de quem se sente pouco ou nada confortável	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Educadores de projeto ou ONG	24%	23%	27%	25%	23%	21%	27%	18%	27%	23%	31%
Liderança religiosa	40%	35%	36%	36%	32%	61%	45%	31%	24%	33%	49%
Professores / outros profissionais da escola	35%	29%	36%	32%	29%	31%	31%	31%	30%	32%	29%
Chefe ou colegas de trabalho	38%	44%	39%	42%	40%	37%	41%	48%	33%	42%	36%

Pessoas para pedir ajuda ou se abrir



A alta proporção de jovens que se sentem pouco ou nada confortáveis com policiais merece atenção, sendo ainda maior entre mulheres, adolescentes LGBTQIA+ e pretos.

Já em relação a profissionais de saúde, há pouco mais de desconforto entre mulheres.

Em relação à assistência social, não há variações entre os perfis.

Perfil de quem se sente pouco ou nada confortável	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Profissionais da saúde	23%	24%	22%	25%	19%	23%	21%	22%	30%	24%	20%
Profissionais da assistência social	29%	23%	31%	28%	23%	27%	27%	22%	30%	26%	29%
Policiais e outros agentes de segurança	46%	47%	50%	52%	38%	62%	49%	42%	54%	47%	53%

A seguir tem uma lista de pessoas. Para cada uma, diga o quanto você se sente confortável para pedir ajuda ou se abrir (falar sobre emoções, situações complicadas que te afetam) BASE: 654

Pessoas para pedir ajuda ou se abrir



Com quem se sente confortável ou muito confortável

	Região de moradia					
	Centro	Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste	Grande São Paulo
Pessoas da comunidade		6%	4%	6%	2%	7%
Vizinhos	4%	8%	8%	9%	4%	7%
Chefe ou colegas de trabalho	13%	12%	15%	25%	8%	10%
Policiais e outros agentes de segurança	14%	19%	12%	8%	10%	21%
Professores/ outros profissionais da escola	17%	17%	18%	19%	26%	22%
Profissionais da assistência social	10%	21%	28%	31%	21%	22%
Profissionais da saúde	24%	28%	28%	18%	24%	24%
Liderança religiosa	28%	29%	23%	22%	29%	31%
Educadores de projeto ou ONG	10%	36%	29%	38%	31%	25%
Família	47%	34%	40%	38%	36%	46%
Amigos	61%	41%	54%	65%	66%	54%

A seguir tem uma lista de pessoas. Para cada uma, diga o quanto você se sente confortável para pedir ajuda ou se abrir (falar sobre emoções, situações complicadas que te afetam) BASE: 654

Pessoas para pedir ajuda ou se abrir



Com quem se sente pouco ou nada confortável

Perfil de quem se sente pouco ou nada confortável	Região de moradia					
	Centro	Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste	Grande São Paulo
Pessoas da comunidade	55%	70%	70%	57%	63%	64%
Vizinhos	65%	73%	74%	63%	72%	64%
Chefe ou colegas de trabalho	27%	46%	42%	39%	32%	45%
Policiais e outros agentes de segurança	54%	59%	53%	53%	49%	38%
Professores/ outros profissionais da escola	28%	39%	37%	33%	20%	29%
Profissionais da assistência social	33%	25%	30%	38%	23%	21%
Profissionais da saúde	26%	23%	23%	24%	24%	23%
Liderança religiosa	44%	43%	31%	50%	34%	31%
Educadores de projeto ou ONG	30%	30%	29%	24%	20%	20%
Família	28%	25%	28%	18%	24%	14%
Amigos	6%	14%	7%	6%	6%	8%

A seguir tem uma lista de pessoas. Para cada uma, diga o quanto você se sente confortável para pedir ajuda ou se abrir (falar sobre emoções, situações complicadas que te afetam) BASE: 654

Experiências de violência no cotidiano

24% dos adolescentes consultados **perderam alguém próximo,**
com até 19 anos, **por suicídio.**

19% dos adolescentes consultados **perderam alguém próximo,**
com até 19 anos, **por homicídio.**

Principais motivos do homicídio:

- ✓ **16%** Briga ou conflito com pessoas conhecidas
- ✓ **14%** Briga ou conflito com pessoas desconhecidas
- ✓ **11%** Assalto ou abordagem agressiva/ invasiva
- ✓ **11%** Abordagem policial
- ✓ **8%** Vingança
- ✓ **6%** Violência doméstica

Quem eram?

- 70%** amigos ou conhecidos
- 9%** irmão(ã) ou primo(a)
- 21%** preferiram não falar

Reflexões sobre preconceitos e privilégios

Jovens avaliam que há diferenças e preconceitos no tratamento que a sociedade dá aos adolescentes de acordo com sua classe, cor, gênero e endereço.

66% não concordam que as manchetes de jornal falam com a mesma agressividade sobre crimes em bairros nobres e crimes nas periferias.

Branca	Parda	Preta
70%	63%	60%

87% não sentem que a lei é aplicada de forma igual entre pessoas de classe social mais alta ou mais baixa.

Branca	Parda	Preta
89%	84%	87%

60% procuram se informar como ser uma pessoa antirracista.

Branca	Parda	Preta
67%	52%	59%

50% costumam pensar sobre os privilégios de um adolescente branco em nossa sociedade.

Branca	Parda	Preta
53%	43%	54%

22% reparam na quantidade de pessoas negras presentes em todos os lugares onde vão.

Branca	Parda	Preta
17%	19%	39%

31% normalmente se sentem bem representados nos lugares que frequentam.

Branca	Parda	Preta
40%	27%	24%

Situações de violência vivenciadas

Das múltiplas violências às quais adolescentes já vivenciaram, o bullying é a mais presente. São as mulheres e jovens LGBTQIA+ que mais sofreram abuso sexual e violência verbal em casa. Homens são os que menos vivenciaram essas situações.

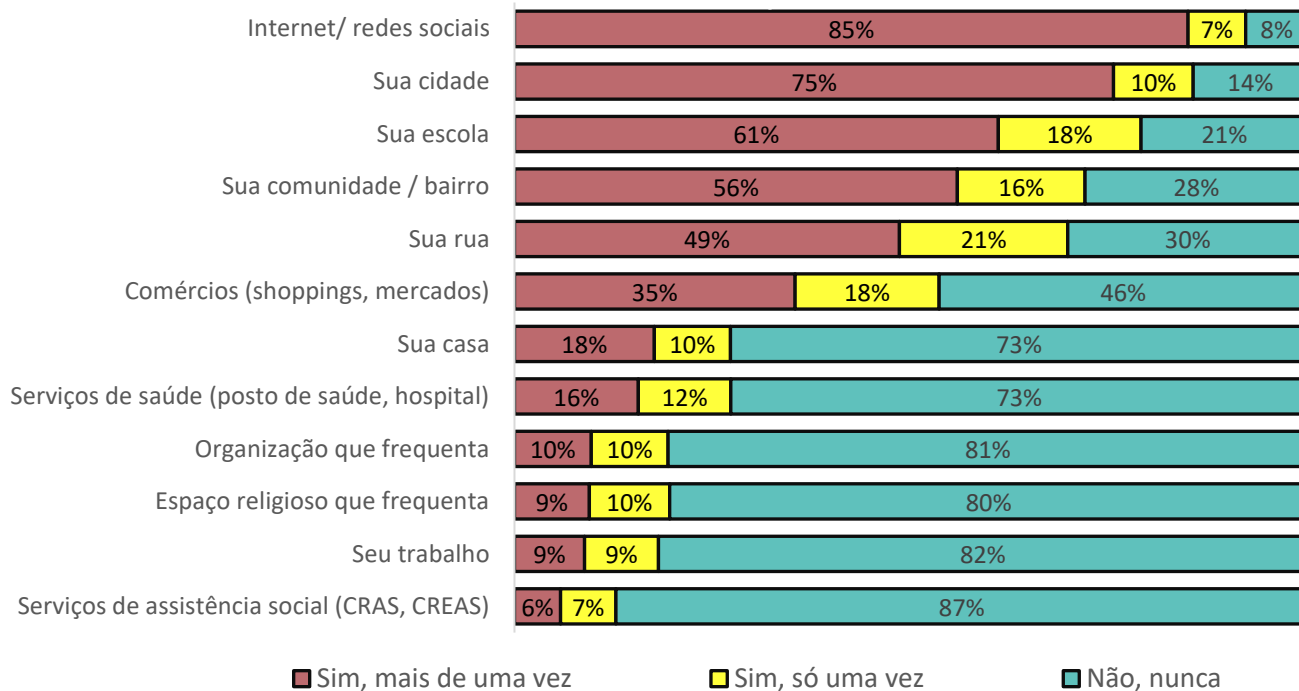
Tipos de violência	Total	Gênero		LGBTQIA+
		Fem.	Masc.	
Fui ridicularizado(a) publicamente por uma característica minha	39%	41%	33%	53%
Tive minhas coisas roubadas ou furtadas	27%	25%	34%	27%
Senti que tinha que mentir sobre o local de residência	27%	27%	27%	26%
Na minha família me falam coisas que me fazem sofrer muito	23%	26%	15%	40%
Fui seguido(a) ou abordado (a) no supermercado	20%	20%	20%	20%
Pessoa conhecida já me machucaram fisicamente	20%	20%	21%	29%
Alguém já tocou minhas partes íntimas sem meu consentimento	20%	25%	8%	37%
Já se aproveitaram de mim no transporte cheio	20%	26%	4%	32%
Sofri racismo	18%	18%	18%	19%
Ninguém presta atenção em mim em casa	16%	16%	13%	26%
Sofri preconceito por minha classe social	15%	13%	19%	15%
Sofri LGBTfobia	12%	11%	11%	43%
As atividades que tenho que fazer não me deixam tempo para estudar	10%	11%	7%	13%
Tive minha vida íntima exposta publicamente	6%	6%	5%	13%
Tive meus documentos confiscados ou destruídos	2%	1%	3%	3%
Não vivenciei nenhuma dessas situações	19%	17%	25%	5%

Situações de violência vivenciadas

O recorte racial deixa claro o quanto a vida pública é mais violenta para adolescentes que se declaram como pretos: além de reconhecerem o racismo, são os que mais dizem ter sido discriminados por sua classe social e seguidos em supermercados.

Tipos de violência	Total	Cor/raça		
		Branca	Parda	Preta
Fui ridicularizado(a) publicamente por uma característica minha	39%	41%	34%	38%
Tive minhas coisas roubadas ou furtadas	27%	26%	28%	26%
Senti que tinha que mentir sobre o local de residência	27%	27%	26%	27%
Na minha família me falam coisas que me fazem sofrer muito	23%	27%	20%	20%
Fui seguido(a) ou abordado (a) no supermercado	20%	11%	24%	36%
Pessoa conhecidas já me machucaram fisicamente	20%	22%	18%	20%
Alguém já tocou minhas partes íntimas sem meu consentimento	20%	21%	16%	20%
Já se aproveitaram de mim no transporte cheio	20%	21%	20%	16%
Sofri racismo	18%	3%	14%	57%
Ninguém presta atenção em mim em casa	16%	20%	12%	13%
Sofri preconceito por minha classe social	15%	9%	16%	24%
Sofri LGBTfobia	12%	15%	11%	9%
As atividades que tenho que fazer não me deixam tempo para estudar	10%	11%	9%	9%
Tive minha vida íntima exposta publicamente	6%	6%	7%	4%
Tive meus documentos confiscados ou destruídos	2%	1%	1%	4%
Não vivenciei nenhuma dessas situações	19%	18%	22%	19%

Onde a violência ocorre

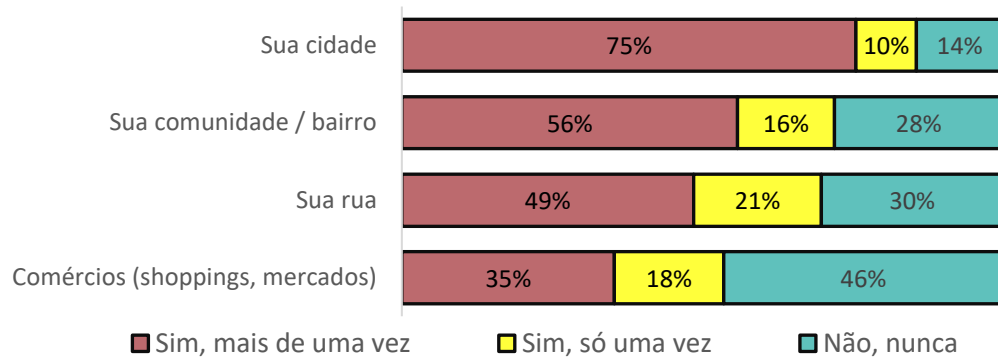


A Internet é o ambiente em que adolescentes mais relatam ter visto com frequência situações de violência com adolescentes (quase 9 a cada 10).

A cidade, os bairros e as ruas são relatados principalmente como espaços em que a violência com adolescentes é recorrente.

Mas é extremamente preocupante que a **escola** seja o 3º ambiente em que jovens mais tenham presenciado situações de violência mais de uma vez.

Onde a violência ocorre



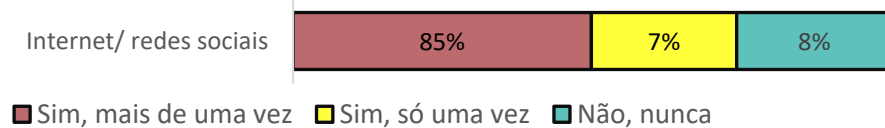
Quanto mais velhos, mais parecem sentir as violências da cidade, das ruas e do bairro como algo frequente.

Mulheres e LGBTQIA+ mencionam mais os comércios.

Estudantes da rede pública percebem, de modo geral, ambientes públicos com diversos casos de violência contra adolescentes.

Perfil de quem já viu mais de uma vez	Idade			Gênero			LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.	Branca		Parda	Preta	Pub.	Priv.	
Sua comunidade / bairro	55%	52%	64%	55%	57%	62%	54%	52%	55%	67%	60%	
Sua rua	41%	48%	52%	46%	52%	55%	46%	46%	42%	64%	52%	
Comércio (shoppings, mercados)	34%	32%	43%	37%	30%	43%	34%	39%	27%	41%	35%	
Sua cidade	66%	75%	79%	76%	73%	79%	74%	77%	72%	79%	75%	

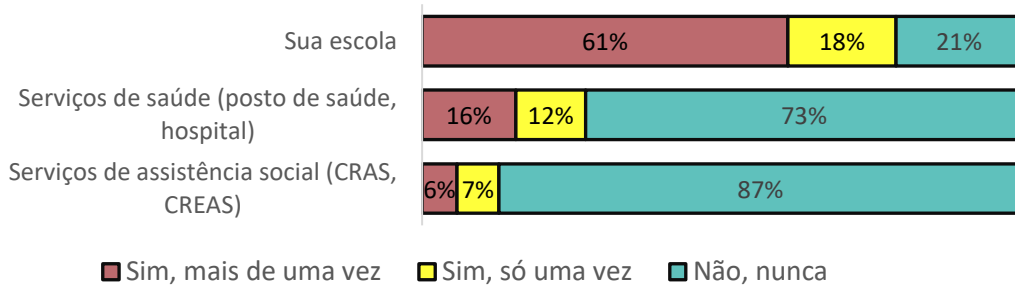
Onde a violência ocorre



Mais uma vez, quanto mais velhos, mais veem o ambiente público da internet como palco de situações de violência contra adolescentes. Mulheres e LGBTQIA+ também têm relatado em maiores proporções ter visto com frequência.

Perfil de quem já viu mais de uma vez	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Internet e redes sociais	66%	86%	89%	88%	79%	93%	82%	87%	83%	85%	85%

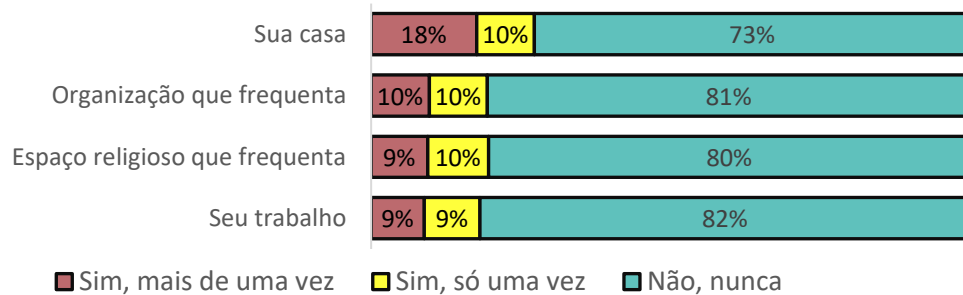
Onde a violência ocorre



Novamente, quanto mais velhos, mais mencionam ter visto mais de uma situação de violência com adolescentes na escola. É também maior essa parcela entre estudantes da rede pública, jovens LGBTQIA+ e negros (principalmente pretos), indicando a escola como um ambiente em que questões de racismo e LGBTfobia precisam ser temas de debate.

Perfil de quem já viu mais de uma vez	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Serviços de saúde	14%	14%	19%	17%	13%	14%	15%	12%	21%	17%	10%
Serviços de assistência social	10%	6%	4%	5%	7%	8%	10%	4%	3%	5%	10%
Sua escola	48%	57%	72%	60%	61%	69%	54%	64%	71%	65%	45%

Onde a violência ocorre



Mulheres e LGBTQIA+ trazem com mais força a sua própria casa como ambiente de violência frequente com adolescentes.

E adolescentes de 12 a 14 anos são os que mais mencionam o trabalho como local em que já presenciaram essas situações mais de uma vez. Importante lembrar que esta faixa de idade, por lei, ainda não poderia estar trabalhando, sendo essa uma forma de violação de direito em si.

Perfil de quem já viu mais de uma vez	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Sua casa	15%	16%	21%	19%	13%	29%	19%	14%	16%	18%	18%
Organização que frequenta	18%	5%	17%	11%	7%	11%	15%	4%	10%	8%	21%
Espaço religioso que frequenta	11%	10%	8%	10%	9%	15%	11%	6%	12%	9%	12%
Seu trabalho	27%	7%	9%	8%	10%	10%	7%	7%	9%	8%	14%



Quem já viu situações de violência com adolescentes **mais de uma vez**

Perfil de quem já viu mais de uma vez	Região de moradia					
	Centro	Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste	Grande São Paulo
Serviços de assistência social (CRAS, CREAS)		3%	6%	13%	15%	3%
Seu trabalho	27%	6%	4%	25%	4%	7%
Espaço religioso que frequenta		9%	13%	17%	7%	7%
Organização que frequenta	20%	9%	12%	26%	20%	3%
Sua cidade	70%	72%	83%	79%	77%	70%
Serviços de saúde (posto de saúde, hospital)	12%	12%	18%	19%	17%	14%
Sua casa	17%	22%	22%	32%	12%	12%
Comércios (shoppings, mercados)	34%	41%	40%	43%	32%	30%
Sua rua	61%	48%	53%	42%	44%	48%
Sua comunidade / bairro	59%	54%	64%	54%	54%	53%
Sua escola	65%	63%	61%	59%	55%	62%
Internet/ redes sociais	81%	84%	90%	80%	85%	84%

Relação com agentes de segurança pública

86% discordam que adolescentes e jovens negros e brancos sejam perseguidos por policiais na mesma intensidade.



7% dos jovens consultados já haviam sido abordados pela polícia uma ou mais vezes entre janeiro e fevereiro de 2021 e **11%** já foram abordados em outro momento.

4 a cada 10 homens consultados já foram abordados pela polícia. Nos primeiros 45 dias de 2021, enquanto 10% jovens que se declaram pretos foram abordados, apenas 4% de jovens brancos foram parados pela polícia.

Abordados pela polícia	Total	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino		Região de moradia					
		12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.	Centro	Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste	Grande SP
Só uma vez	4%	6%	5%	2%	2%	9%	1%	3%	5%	4%	5%	2%	3%	3%	6%		4%	5%
Mais de uma vez	3%	5%	3%	3%	1%	7%	3%	1%	3%	6%	3%	1%	9%	5%	4%	1%		2%
Não, mas já levei enquadro em outros momentos	11%	6%	10%	13%	6%	21%	9%	12%	7%	14%	12%	6%	21%	10%	8%	13%	10%	11%
Nunca levei enquadro	82%	83%	82%	82%	91%	63%	87%	83%	84%	76%	80%	90%	68%	83%	82%	85%	87%	82%

Sentimentos em relação à polícia e às abordagens

“A relação com um policial negro foi até boa, mas sabemos que na comunidade quando um policial é morto, a gente sabe pra quem eles vão se voltar contra.”

(Jovem pesquisador em oficina de PerguntAção)

“Policiais e agentes de segurança em mercado também é bem complicado, que olha com a cara fechada, mas isso vai muito da postura de como você se apresenta: postura de olhar com o cara fechada na rua, a gente já entrou no piloto automático, é um hábito, mas isso não significa que todo homem é estuprador, que todo policial é violento.”

(Jovem pesquisador em oficina de PerguntAção)

Sensações ao ser abordado pela polícia

26% Medo

13% Humilhação

13% Naturalidade

11% Respeito

10% Indignação

8% Raiva

6% Nojo

6% Violação

5% Culpa

3% Tristeza

Quando ocorrem as abordagens



Momento da maioria das abordagens

70% de noite
33% de tarde
14% de madrugada
7% de manhã

Além de ser uma prática mais comum em relação aos homens, os horários parecem seguir certo padrão etário: quanto mais velhos, mais abordagens são à noite; quanto mais novos, mais para a tarde.

Abordados pela polícia	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino		Região de moradia					
	12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.	Centro	Zona Norte	Zona Sul	Zona Leste	Zona Oeste	Grande SP
Manhã	9%	9%	3%	3%	10%	6%	5%	10%	8%	8%	-	11%	-	9%	10%	-	8%
Tarde	45%	34%	27%	41%	29%	39%	37%	32%	31%	30%	58%	33%	44%	39%	40%	18%	30%
Noite	64%	66%	80%	62%	75%	72%	66%	74%	69%	72%	50%	78%	67%	52%	70%	82%	76%
Madrugada	27%	12%	13%	6%	19%	17%	8%	13%	23%	16%	-	11%	-	26%	20%	-	14%

Em quais períodos a maioria das abordagens ocorreram? (Base: 123)

Quem faz a abordagem

O grande volume de jovens que não responderam qual foi a força policial que os abordou pode indicar certo medo em falar ou ainda um desconhecimento sobre os tipos de divisão e seus papéis.



Força policial que abordou

31% Rocam

20% Rota

15% GCM

2% Baep

43% não sabe / não quis responder

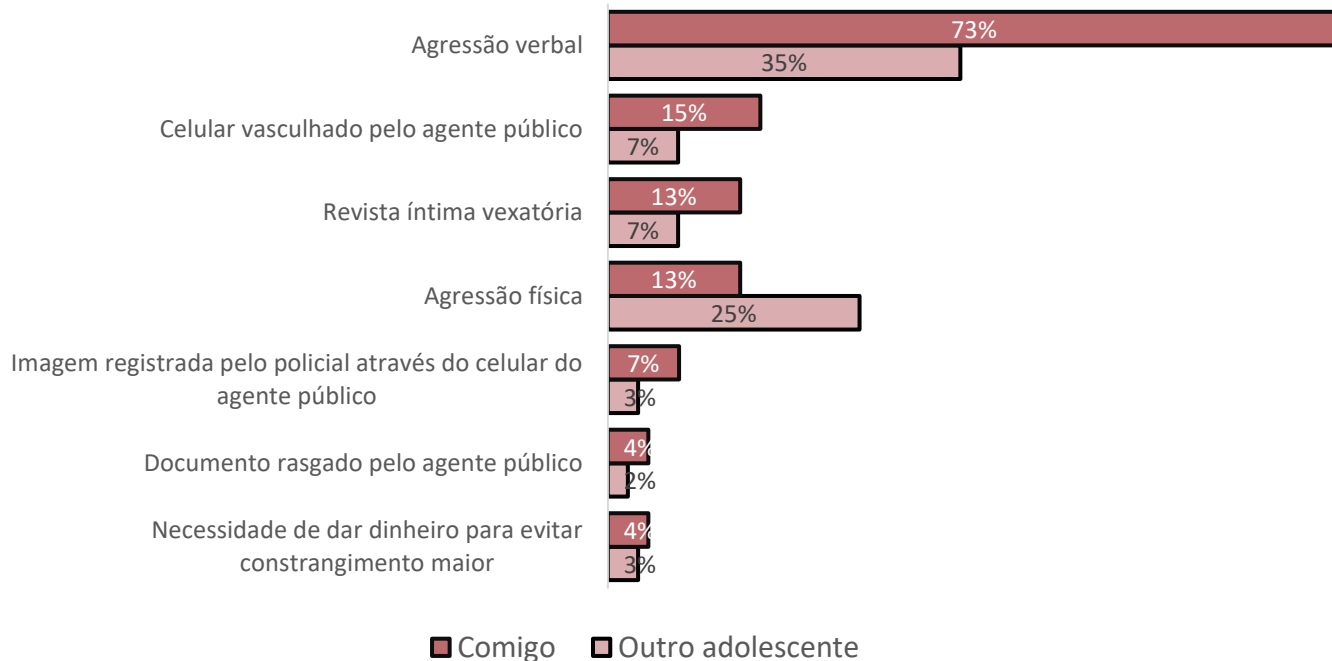
16% dos jovens acreditam que as violações são praticadas **cada vez por um agente público diferente**

13% dos jovens acreditam que as violações são praticadas **sempre pelos mesmos agentes públicos**

Resultados agressivos nas abordagens



6 a cada 10 nunca presenciaram algum tipo de abordagem com outro adolescente que tenha acabado em agressão. Daqueles que já presenciaram, a agressão verbal é a mais comum.



Alguma abordagem acabou resultando em algum tipo de agressão? BASE: 128; Já presenciou algum tipo de abordagem, com outro adolescente, que acabou resultado em algum tipo de agressão? BASE: 588.



Situações que o próprio jovem vivenciou

O celular vasculhado e a necessidade de dar dinheiro são situações mais comuns entre os mais novos. Situações de revista íntima vexatória são mais mencionadas entre os que se declaram LGBTQIA+. Entre jovens que se identificam como pretos é mais frequente a agressão verbal e física.

Abordados pela polícia	Total	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
		12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Agressão verbal	73%	82%	71%	73%	74%	71%	78%	71%	68%	85%	74%	67%
Celular vasculhado pelo agente público	15%	36%	10%	17%	15%	14%	11%	16%	16%	12%	15%	17%
Revista íntima vexatória	13%	27%	12%	10%	12%	13%	33%	3%	29%	12%	15%	
Agressão física	13%	9%	16%	10%	6%	17%		8%	10%	27%	15%	
Imagem registrada pelo policial através do celular do agente público	7%	9%	5%	10%	6%	8%	6%	13%	3%		6%	17%
Documento rasgado pelo agente público	4%	9%	3%	3%	6%	3%	6%		6%	8%	5%	
Necessidade de dar dinheiro para evitar maior constrangimento	4%	18%	2%	3%		6%	6%		13%		5%	

Resultados agressivos nas abordagens



Situações que o jovem viu com outros adolescentes

Quando relatam o que já presenciaram com outros adolescentes, a questão racial ainda aparece fortemente: entre jovens que se identificam como pretos mencionam em maior proporção ter visto agressão verbal e física, bem como o celular sendo vasculhado. As mesmas agressões são relatadas principalmente por jovens de escolas públicas.

Abordados pela polícia	Total	Idade			Gênero		LGBTQIA+	Cor/Raça			Rede de ensino	
		12-14	15-17	18-19	Fem.	Masc.		Branca	Parda	Preta	Pub.	Priv.
Agressão verbal	35%	23%	34%	43%	34%	39%	31%	26%	38%	49%	40%	21%
Celular vasculhado pelo agente público	7%	6%	6%	11%	8%	5%	13%	3%	7%	16%	9%	1%
Revista íntima vexatória	7%	11%	5%	11%	7%	8%	9%	6%	9%	7%	8%	4%
Agressão física	25%	26%	23%	30%	25%	27%	26%	16%	30%	38%	30%	9%
Imagem registrada pelo policial através do celular do agente público	3%	4%	1%	5%	2%	3%	2%	1%	5%	2%	3%	1%
Documento rasgado pelo agente público	2%	6%	1%	2%	2%	2%	4%	2%	3%	1%	2%	1%
Necessidade de dar dinheiro para evitar maior constrangimento	3%		2%	4%	2%	4%	3%	2%	3%	4%	3%	1%
Nunca presenciei	56%	62%	57%	51%	58%	50%	59%	66%	52%	39%	50%	75%

Ações para redução das violências e homicídio contra adolescentes

91% dos adolescentes concordam que apesar de ser um assunto chato, precisamos falar sobre a violência que afeta adolescentes.

Prioridades para redução da violência e homicídio

Adolescentes veem como prioridade campanhas que combatam o racismo e promovam igualdade entre homens e mulheres.

Ações ligadas às forças policiais passam antes por melhorar o treinamento para redução da violência e depois por aumento de capacidade de investigação e presença nas ruas.

7%
Ocupar mais os espaços públicos

14%
Aumentar policiamento nas ruas

11%
Melhorar a iluminação das ruas

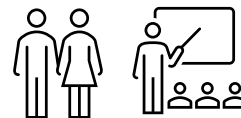
19%
Criar oportunidade de emprego além da região central

18%
Melhorar a capacidade de investigação de crimes e aumentar a participação da sociedade na gestão da segurança



25%
Tornar a escola mais atrativa

22%
Ampliar atividades culturais onde menos tem



37%
Campanhas a favor da igualdade entre homens e mulheres

36%
Mudar o treinamento das forças policiais para reduzir violência

34%
Criar espaços para que os adolescentes possam se reconhecer



43%
Campanhas contra o racismo

Ficha técnica

Idealização:

GT3 – Território em Pauta do Comitê Paulista pela Prevenção de Homicídios na Adolescência

Realização (oficinas; coleta, tratamento e análise de dados):

Rede Conhecimento Social

Harika Maia; Jéssica Costa; Marisa Villi

Apoio institucional:

Mandato Marina Helou

UNICEF

Viração

CDHEP

Cedeca Sapopemba

Associação Mutirão

CIEE-SP

Grupo de jovens pesquisadores:

**Ana Karoline; Bárbara; Erick; Geovana;
João Vitor; Kathellen Bianca; Karen; Tareq**

Educadores colaboradores:

Ana Paula Lima - CDHEP

Carlos Diniz e Verônica Vassalo – CIEE-SP

Raifah Monteiro e Jéssica Ferreira –

CEDECA Sapopemba

Witalo Figueiredo Silva – Associação

Mutirão



A consulta Violências no Cotidiano de Adolescentes de Comitê Paulista pela Prevenção do Homicídio entre Adolescentes e Rede Conhecimento Social está licenciada com uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

Essa licença permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra original, não podendo ter fins comerciais, contanto que atribuam crédito aos autores corretamente, e que utilizem a mesma licença. Para ver o texto completo da licença, acessar: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em <https://www.juventudeseapandemia.com/>.